

Conversando com Ana Rita Nuti Pontes

A presente entrevista foi realizada na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em 11 de novembro de 2023 e, tendo acontecido no formato presencial, foi também gravada para compor o acervo audiovisual da Sociedade. Nossa entrevistada Ana Rita Nuti Pontes é psicóloga, membro efetivo com funções didáticas da SBPRP e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Participaram desta conversa as editoras Ana Cláudia G. R. de Almeida, Alessandra Paula Teobaldo Stocche e Renata Sarti.

Acompanhando as repercussões da VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto,^[1] o segundo número da *Bergasse 19* de 2023 amplia a temática do evento para “Humanidades possíveis na sala de análise”, buscando a interface entre a cultura e a clínica. Nesse sentido, conversar com Ana Rita nos permite refletir sobre a temática proposta com um especial olhar de quem, como ela, tem uma participação significativa em meio à vida institucional justamente no encontro entre arte, cultura, psicanálise e clínica. Membro da SBPRP praticamente desde seu início, ela rapidamente se integrou aos pioneiros fundadores da Sociedade, se envolveu em projetos e eventos nessas áreas de intersecção, como o projeto “Espaço Cultural”, e posteriormente coordenou por vários anos o Cinema & Psicanálise,^[2] deixando uma marca pessoal na constituição desses projetos para as gerações seguintes de psicanalistas de nossa cidade.

1. O tema da Bienal, ocorrida em maio de 2023, foi “Humanidades possíveis”. Mais informações sobre o evento podem ser encontradas em <https://bit.ly/bienalpsi23>

2. Cinema & Psicanálise é um projeto pioneiro em Ribeirão Preto, que se iniciou em 1999 como um segmento do “Espaço Cultural” e foi proposto como uma forma de apresentar à comunidade o modo psicanalítico de pensar e os analistas da SBPRP. Foi alocado inicialmente no anfiteatro da Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e depois, sempre com propósito de estabelecer comunicação com a comunidade, no Anfiteatro Auxiliadora, no Sesc de RP, no Cineclubes Cauim, na SBPRP e mais recentemente no Instituto Figueiredo Ferraz. Saiba mais no Arquivo e Memória da Sociedade em <https://sbprp.org.br/arquivo-e-memoria/>

Sua presença viva tem sido inspiração para a manutenção e desenvolvimento de projetos que seguem privilegiando a interlocução entre cultura e psicanálise. Por ocasião da VI Bienal, compôs a mesa de abertura do evento juntamente com a psicanalista italiana Lorena Preta, ocasião em que apresentou o trabalho “Uma certa pulsão de humanidade”, também publicado neste número da revista.^[3]

Ana Cláudia (SBPRP): Agradeço Ana Rita pela conversa sobre as “humanidades possíveis na sala de análise”, tema inspirado na VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto. Essa temática, já também explorada pela revista, suscitou muitas questões que pretendemos abordar aqui, mas tanto a experiência da Bienal quanto o trabalho da *Bergasse 19* este ano têm privilegiado pensar um pouco a história da nossa Sociedade, no que tange à arte, à cultura e à comunidade. Nesse sentido, convidamos você para esta conversa por sua participação tanto na Bienal quanto na história da SBPRP, privilegiando pensar um pouco o caminho que a Sociedade tem feito. Na entrevista do primeiro número deste ano, com Maria Bernadete Assis e Lia Falsarella, surgiram algumas palavras de destaque – *ousadia, pioneirismo e criatividade* –, e é sobre isso que gostaríamos de conversar com você.

Ana Rita: Muito obrigada, eu fico sempre emocionada e agradecida por poder falar. Sinceramente, me toca muito, e falar sobre a nossa Sociedade me toca mais ainda – estou me dando conta de que já faço parte da “velha guarda”, já estou contando história. Quando tudo começou, já há muito tempo, eu e meus colegas éramos candidatos ainda, fazíamos formação ou éramos apenas membros associados, mas agradeço muito aos pioneiros, que trabalharam incansavelmente, como o casal Davi e Lenise Azoubel, José Américo Junqueira de Mattos, Suad Haddad de Andrade, Maria Conceição Ribeiro da Costa, José Cesário Francisco Jr., José Alberto Florenzano, José Francisco de Oliveira, Martha Maria de Moraes Ribeiro e Luiz Antônio Bocchino de Toledo...^[4] O grupo foi crescendo. Havia um sonho a ser plantado, e ele vingou.

Começou na pequena casinha na Vila Seixas, que era simples, acanhadinha, mas cheia de sonhos, tinha esse vigor de um porvir. Depois nos mudamos para a casa da Suad, que era na rua Ayrton Roxo, onde nasceu o Cinema & Psicanálise e começou o projeto Espaço Cultural, da Lenise, que está muito bem descrito na introdução de Luiz Celso ao livro *Além da projeção: uma década de Cinema & Psicanálise*,^[5] um texto maravilhoso

3. “Uma certa pulsão de humanidade”, disponível nas versões on-line e impressa (pp. 10-18).

4. Esses analistas foram pioneiros em Ribeirão Preto e exerceram funções estratégicas nos primeiros anos de funcionamento do grupo que mais tarde veio a se tornar a SBPRP oficialmente.

5. Publicado em 2023 pela editora Blucher, foi organizado por Ana Rita Nuti Pontes, Andréa C. P. Lima, Denise L. R. Antônio, Josimara M. F. Souza, Luiz Celso Toledo, Maria Bernadete F. Oliveira e Silvana Maria B. Vassimon.

no qual ele conseguiu registrar o clima emocional que vivíamos. As primeiras sessões foram na casa da Ayrton Roxo, nas quais assistíamos e discutíamos também algumas óperas, como *La traviata*, que Lenise trouxe certa vez. Eram momentos muito legais.

Ana Cláudia (SBPRP): Há pouco falei das palavras “ousadia”, “pioneirismo” e “criatividade” da entrevista passada, e agora você trouxe outra muito expressiva e ligada à nossa história: *sonho*. Pensando agora também no tema “humanidades possíveis” – o que isso te traz à cabeça de imediato?

Ana Rita: Eu penso sempre em uma necessidade que nós psicanalistas temos – ou que temos também condição de fazer – que é humanizar a pessoa. Como eu escrevi no meu trabalho,^[6] seres humanos todos somos, até um *serial killer* é, mas um ser humano humanizado precisa desenvolver dentro de si a capacidade de amar, que não ocorre espontaneamente, que está aliada à tolerância, à ética, à compaixão, à consideração, e sabemos que isso tem a ver com os primeiros contatos do bebê com o mundo, com como a criança vai introjetar o objeto amoroso para poder se desenvolver depois. Eu sempre brinco que acho que a psicanálise é a “salvação da lavoura”, e continuo falando isso mais do que nunca, porque acredito que nós temos ferramentas nas mãos para poder ajudar o homem a se desenvolver, para fazer uma psicanálise ampliada e voltada para o social.

É um horror isso a que nós estamos assistindo no mundo e no Brasil, como a polarização política, por exemplo, que abriu uma fenda para que toda perversão viesse à tona – e com o discurso de que é “em nome de Deus”, “em nome do meu partido A ou B”. Estamos vendo com isso que o brasileiro não é cordial, como sempre foi dito; é na verdade um povo muito ressentido, e estamos lidando com muito ódio. Quando se fala em humanidades possíveis, eu penso na importância de o homem se identificar com aquilo que está vivo, de saber que ele próprio faz parte do cosmos, da floresta, da cidade em que vive, do rio, faz parte de tudo, até do ar que respira. É importante que saia da própria “bolha”.

Eu achei tão interessante que diversas salas do congresso que acabou de acontecer em Campinas^[7] estivessem tão lotadas que eventualmente foi necessário até mesmo realocar o público. Eram salas onde se tratava de temas diversos, como fake news, pós-verdade, política, música, artes, e autores como Winnicott, Green, entre outros... Vejo aí um movimento de mudança na psicanálise, que também me parece ter a ver com a mudança na técnica, no *approach*.

Ana Cláudia (SBPRP): Fale um pouco mais disso.

6. “Uma certa pulsão de humanidade”, publicado neste volume, disponível nas versões on-line e impressa (pp. 10-18).

7. 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, organizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) em Campinas entre 1 e 4 de novembro de 2023.

Ana Rita: Eu vejo uma evolução importantíssima na técnica psicanalítica. De Melanie Klein para Wilfred Bion houve um salto enorme; também com a ideia de campo psicanalítico enfatizada pelo casal Baranger, termo cuja utilização por outros autores cresceu tanto depois disso, como vemos em Ferenczi, Ogden, Ferro e Grotstein. Nesse desenvolvimento da técnica eu vejo que o analista consegue se colocar mais como um ser humano, uma pessoa junto com seu analisado, não mais como aquele que tinha que ficar encastelado na condição do cara que sabe tudo e vai interpretar. Ele está contando com a humanidade possível dentro de si para ver como é que ressoa o que está acontecendo ali no campo e para procurar criativamente, também dentro de si, uma maneira de estar junto com a pessoa. Isso mudou tudo. Autores que citei, como Ferenczi e Winnicott, ou mesmo Green, se tornaram mais conhecidos recentemente, mas todos sabemos que ao longo da história nem sempre foram reconhecidos e referenciados como o são atualmente, inclusive como ficou evidente nas apresentações do congresso em Campinas.

Ana Cláudia (SBPRP): Nós percebemos também. Você tem alguma hipótese sobre isso? Temos observado essa onda de curiosidade das pessoas por autores assim – há um podcast só sobre Ferenczi, por exemplo. Tem havido um movimento em congressos, nos grupos de estudos em que fazemos supervisões... Como será que isso veio borbulhando e chegou à luz?

Ana Rita: Durante pouco mais de dez anos, de 2004 a 2017, eu frequentei e até mesmo apresentei trabalhos em congressos da Federação Europeia de Psicanálise,^[8] e vi essa emergência acontecer na Europa antes de acontecer aqui. Considero que há também uma inquietação entre nós que aponta para a necessidade de o psicanalista se apresentar cada vez mais verdadeiro e real, o que é alicerçado pela busca de vivermos as experiências emocionais junto aos nossos analisados. Na Itália há um grupo muito estudioso de Bion, mas de Ferenczi e Winnicott também. É esta diversidade teórica que me inquietava nos congressos europeus, embora obviamente sempre fosse possível sentir o manto da escola kleiniana!

Ana Cláudia (SBPRP): A teoria psicanalítica se constituiu a partir da clínica, de experiências clínicas, desde Freud até os dias atuais. Pensando nisso que você falou, podemos dizer que a experiência clínica contemporânea vem contribuindo para esse novo olhar para a teoria psicanalítica e para esses autores antes pouco reconhecidos?

Ana Rita: Faz muito sentido para mim quando Bion fala que a verdade é um alimento para nossa mente, porque não vemos outra forma de ser analista por inteiro que não sermos muito verdadeiros. Obviamente isso se dá dentro de uma condição psíquica

8. European Psychoanalytical Federation (EPF).

de quem está trabalhando, mas acho que isso começa a mudar porque não é possível representar. O meu analista falava “aqui não tem psicanalista, aqui tem o Yutaka Kubo e a Ana Rita conversando”, e eu sempre falo para os meus supervisionandos deixarem o analista fora da sala quando estiverem atendendo, porque quem tem que estar lá é a pessoa do analista – e isso é de grande responsabilidade, muito angustiante.

Ana Cláudia (SBPRP): Interessante, a conversa toma rumos surpreendentes até para nós aqui. Mas gostaria de retomar o seu artigo deste número, no qual você nos lembra que a humanidade só pode ser alcançada por meio de um processo complexo e contínuo a partir da presença do outro, e vai além, nos apresentando a humanidade em outras perspectivas, entrelaçando o pensamento psicanalítico com questões que envolvem o relacionamento do homem consigo e com a cultura. Também nos mostra como as artes abrem caminho para que as inquietações humanas e sociais se apresentem, nos aproximando dos aspectos humanos, desumanos e não humanos que nos habitam. Você poderia falar mais sobre como vê o entrelaçamento da arte e da cultura com a psicanálise?

Ana Rita: Com muito gosto. Recentemente, ao comentar sobre o lançamento do livro *Além da projeção*, uma pessoa me perguntou por que eu acho que o cinema perdura, por que o interesse até hoje. Assim como toda obra de arte, perdura porque o ser humano se identifica com a obra, que nos ajuda a nos organizar. Acredito que é fundamental o contato com essa vivência, essa experiência, que pode ser tanto muito sublime como desorganizadora, mas de qualquer maneira faz o homem entrar em contato com a própria essência.

Por isso acho tão fundamental – algo que é o nosso objetivo como psicanalistas – ajudar a pessoa a se conectar consigo mesma, apontar para isso, para ela sentir que existe. Seja pela dor, pelo prazer, pelo amor, é o sentido de existência que conta, que faz a diferença. E o contato com a arte nos faz sentir que existimos, nos amplia, nos expande. Fui à Bienal há pouco em São Paulo^[9] e vi coisas que me deixaram encantada; já em julho do ano passado fui ver a Bienal de Veneza e fiquei muito perturbada com o que se apresentou. Me parece ser esse o movimento: a arte nos coloca em contato com nós mesmos.

Alessandra (SBPRP): Como você já abordou o Cinema & Psicanálise, gostaria de te pedir para falar mais do desenvolvimento desse projeto e do lançamento do livro. Além disso, existiram pontos de tensão com a teoria e a clínica psicanalíticas na realização do projeto? E, afinal, como está a seu ver a relação da psicanálise com a arte e a cultura atualmente?

9. 35ª Bienal de São Paulo, de 2023.

Ana Cláudia (SBPRP): E o Cinema & Psicanálise é de fato um tema central para nossa conversa. É algo da sua história na Sociedade, presente até hoje e que sempre imediatamente nos remete a você. Como nasceu, cresceu e se desenvolveu o Cinema & Psicanálise em Ribeirão Preto?

Ana Rita: A Lenise, sempre muito ligada à arte, iniciou na SBPRP o projeto “Espaço Cultural” em 1999, que na verdade já existia informalmente desde 1998, com exposições de arte das quais a Sônia Rodella Andrade participava muito – a Lenise sempre valorizou muito os artistas plásticos de Ribeirão, uma questão que estava bem entrelaçada à proposta toda. As reuniões do Espaço Cultural não se restringiam aos textos psicanalíticos, sempre traziam algo de arte junto, e foi esse projeto que deu início a todo o percurso que viria a seguir em nosso grupo no que se refere ao entrelaçamento psicanálise-arte-cultura. A partir daí aconteceram expansões, entre as quais está o Cinema & Psicanálise.

O cinema se separou das outras partes do Espaço Cultural – as artes plásticas, a literatura e a música – em 1999 e ficou sob responsabilidade da Vera Pagliuchi, uma analista de São Paulo que morava em Ribeirão Preto na época, muito amiga da Lenise e conhecedora de cinema. Aliás, foi já com a Vera que tivemos a discussão sobre a ópera *La traviata*, que mencionei anteriormente. Ela montou uma comissão e me convidou a participar, junto da nossa colega Silvana Vassimon e depois do professor Manoel Antônio dos Santos,^[10] que convidou também a Luciana Torrano. Durante o primeiro ano, todos os filmes que vimos eram cult. Nós todos discutíamos, mas era a Vera quem finalizava o texto e fazia o comentário sozinha. No final do ano, porém, ela decidiu sair do projeto, e a Lenise me convidou para ser coordenadora do Cinema & Psicanálise – aceitei o convite e coordenei o projeto de 2000 até 2004. Nesse momento a dinâmica mudou. Foi nessa época que começamos a convidar um analista diferente a cada mês, e alguém que estivesse ligado ao tema do filme. Uma vez, por exemplo, chamamos um amigo meu de São Paulo que era maestro para falar com o Junqueira sobre *Amadeus*.^[11]

Pagávamos tudo do nosso bolso, porque era um sonho e uma alegria ver uma coisa dando certo. A Silvana Vassimon também sempre participou muito ativamente, foi minha companheira de todas as horas nessa luta pelo sonho, pelos projetos. Nós angariávamos o dinheiro todo para postar os cartazes – que na época imprimíamos e mandávamos por correio –, escrevíamos à mão a nossa mala direta, tudo feito com muito divertimento. Foi assim o primeiro ano, e fui convidando pessoas para fazer parte da comissão. Veio então o Geraldo Romanelli, antropólogo, o Daniel Kreling, que era estudante do 5º ano de psicologia... Era muito bacana poder ouvir a opinião de todas as pessoas. E melhor ainda eram as reuniões que fazíamos antes do filme com a pessoa que ia apresentá-lo, porque íamos a um barzinho para falar sobre a obra, e essa era a hora em que todo mundo falava, dava palpite, comentava o que tinha

10. Professor do curso de psicologia da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto.

11. Filme biográfico de Mozart, dirigido por Miloš Forman, de 1984.

pensado, e usufruíamos muito disso. A comissão era quem mais aproveitava, nesse sentido, porque eram reuniões em que nos preparávamos internamente – víamos o filme juntos e depois conversávamos, com muita vida.

É mesmo uma realização. Estamos falando até aqui só dos dez primeiros anos, mas foi uma iniciativa que cresceu muito. O Cinema & Psicanálise inclusive teve um site antes mesmo da Sociedade. Foi algo que pedi que fosse feito para que se pudesse registrar e publicar os comentários. E o projeto foi se expandindo junto com o crescimento da psicanálise, ficando cada vez maior. Depois de mim, a coordenadora foi a Silvana, e houve uma grande expansão. Depois foi a Denise, e o crescimento prosseguiu. O Cinema & Psicanálise chegou a diversos lugares e tornou-se uma referência regional.

Ana Cláudia (SBPRP): Enquanto nos preparávamos para nossa conversa de hoje, penso que estávamos em sintonia com essas ideias que você está nos trazendo agora. Queríamos lhe propor questões sobre como pode o psicanalista favorecer e sustentar a articulação entre psicanálise e arte, e psicanálise e sonho. Mas ao nos contar sobre essa experiência dos encontros para assistir a filmes e óperas, nos quais num aparente “bate-papo” informal se estuda psicanálise e se formam psicanalistas, você antecipou nossas questões, se adiantou a elas e trouxe espontaneamente uma imagem rica e expressiva de como isso acontece. Não acha?

Ana Rita: Acredito que sim. Se pensarmos também no que vem junto com o sonho de fazer algo, não podemos deixar de considerar que estamos procurando viver uma emoção, uma experiência emocional – o mais primário disso é a busca por sentir alguma coisa, um prazer, que aparece de diversas formas. E o bom de sonhar junto é que nos sentimos vivos.

Quanto à relação do sonho com o cinema, nós do Cinema & Psicanálise uma vez apresentamos um trabalho falando sobre nosso projeto e essa questão no congresso brasileiro em Recife,^[12] e tem um artigo do Glen Gabbard, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*,^[13] que fala sobre o entrelaçamento do sonho no cinema. A meu ver filmes são uma representação onírica, e mais especificamente acho maravilhoso aquele do Kurosawa chamado *Sonhos*.^[14] Acho que precisamos desse lugar para nos organizar, para nos nutrir, para nos abastecer – ainda mais nós, psicanalistas, que trabalhamos muito as questões da emoção com o simbólico e a abstração.

Ana Cláudia (SBPRP): E para lidar com as questões com que nos deparamos na vida e na clínica, e também com a realidade social atual – como as radicalizações de

12. XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise e XVI Pré-Congresso Didático, com o tema “Psicanálise em transformação: método e processo; ofício; diálogo com a comunidade”, organizado pela Associação Brasileira de Psicanálise de 1 a 4 de outubro de 2003 em Recife.

13. “The psychoanalyst at the movies”, publicado em 1997 em *The International Journal of Psychoanalysis* (vol. 78, n. 3, pp. 429-434).

14. *Yume*, de Akira Kurosawa, de 1990.

pensamento que temos observado se desdobram em guerras e violências relacionadas a política, religião, racismo, que se expressam em formas de segregação de diversos grupos por razões étnicas, religiosas, sociais ou mesmo por orientações sexuais. Na interface entre psicanálise, arte e sonho encontramos instrumentos para encarar a realidade.

Ana Rita: No trabalho que escrevi, publicado agora na revista, falo da função que a arte tem de humanizar a pessoa. Para mim ela é, sim, uma maneira de a pessoa se sensibilizar para perceber alguma coisa do outro. O conto “O sorriso”, de Bradbury, é um soco no estômago – ao menos eu o sinto assim. Por que o menino não conseguiu cuspir na *Mona Lisa*? Por que ele pegou e levou logo o sorriso dela? Por quê? E o que é que o diferencia das demais pessoas? Aliás, a meu ver cada ser humano se diferencia do outro, tem seu próprio mundo interno. Inclusive há pessoas que nascem em condições materiais tão precárias, mas com um mundo interno tão rico, que elas conseguem viver bem apesar dessa precariedade.

Por exemplo, em Ribeirão Preto tem a orquestra sinfônica que apresenta um concerto para a juventude aos domingos, com apresentação também para crianças e escolas. Iniciativas como essas oferecem a oportunidade de experienciar a arte independentemente da classe social e mostram que a afinidade, o “ouvido” para a arte é universal. Para mim o gosto pela arte é algo inato do ser humano, ele naturalmente se entende com a arte. O problema é que houve uma elitização, como se isso não fosse para todos, restringindo-se oportunidades de contato, ou mesmo ao considerar que somente pequenas parcelas privilegiadas da população seriam capazes de compreender e alcançar a linguagem tida como mais erudita da arte, como se apreciar uma arte mais elaborada e mais profunda se restringisse a uma determinada classe social. Por si só, isso já é um preconceito e uma forma de violência que podem privar grande parte de nossa sociedade/comunidade da riqueza do contato com música, poesia, artes plásticas, cinema...

Vou contar a vocês uma experiência de 1988, na época em que Antonio Palocci era prefeito de Ribeirão. Tinha um festival de teatro grego na cidade, sediado no Teatro de Arena, ao qual fui, certo dia, com meu filho, ainda pequeno, e um amigo dele para assistir a *Prometeu*. A entrada era gratuita e, quando chegamos lá, estava tudo lotado, tinha criança até pendurada nas árvores em volta do teatro. Começa a peça: tudo em grego. Pensei que era ali que ia todo mundo embora, mas ninguém saiu, ficou todo mundo lá assistindo. Os atores falavam grego, mas de certa forma não falavam grego – em algum lugar houve uma comunicação que fez com que todos ficassem assistindo a essa peça, um drama tão clássico, uma tragédia grega. O que é isso que se comunica? Onde é que nos pega?

Talvez devido à minha idade, que já considero bem avançada, confesso que não tenho muita paciência para ouvir o tipo de música de que todo mundo gosta hoje em dia. Com perdão pela arrogância, acho muito medíocre, é como se pensassem que o ser humano não pode desenvolver um gosto por alguma coisa mais elaborada, mais

melódica, com letras melhores. O que ouvimos nessas letras... Não estou falando de moralismo – definitivamente não sou moralista –, mas me parece ter a ver com o que a Ana Cláudia trouxe: isso descamba para algo do ser humano que vai em direção à desconsideração do outro, ao perverso – algo sobre o qual a Elisabeth Roudinesco escreve em *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*.^[15] Ela aborda muito bem esse lado que todos nós temos, frisando que o primeiro passo é reconhecermos que o temos para assim podermos cuidar dele.

Renata (SBPRP): Em seu artigo você afirma que a arte vai anunciando, ela *precede*, e sua última fala me fez pensar nisso. Será que não podemos olhar dessa maneira também para essas músicas que você está dizendo que não te agradam? Será que também não estão nos mostrando algo, anunciando algo que está a caminho?

Ana Rita: Muito bem pensado. Se formos olhar por essa perspectiva, também não é muito animador. Ao mesmo tempo, não posso deixar de falar que um dia fui à Pinacoteca, em outro à Bienal, e ambas estavam lotadas! E lotadas de pessoas de periferia, pelo que se podia ver, não eram “patricinhas” e “mauricinhos”. Gente simples usufruindo da arte. Toda vez que eu vou ao Masp e a galerias em São Paulo, fico muito feliz ao ver todo aquele povo em busca da mesma coisa que eu. Cada um com a sua razão, cada um a partir de sua origem e história, mas todo mundo fica extasiado olhando uma obra de arte, e ver isso me faz bem. Ver o interesse das pessoas, esses lugares sempre lotados, é uma experiência emocional também.

Ana Cláudia (SBPRP): Gostaria também de abordar um tema que me parece ter profunda relação com você e seu trabalho: o feminino, a mulher e a psicanálise. A psicanálise praticamente nasce com as histéricas, ou seja, mulheres que não eram ouvidas e às quais se atribuía uma doença de forma a até mesmo patologizar o feminino – sabemos que vem daí a própria origem da palavra “histeria”, ligada a útero, como se fosse uma perturbação feminina. A psicanálise passa a ver isso de uma outra maneira, e até hoje nós lidamos com questões de diversas ordens sobre o feminino, inclusive a possibilidade de a mulher ser ouvida e se ouvir. Ainda hoje no Brasil nós lidamos com feminicídio, com diferenças salariais importantes, com configurações familiares em que as mulheres são oprimidas. Mesmo nas instituições psicanalíticas, apesar de grande participação feminina, tivemos a primeira presidente latino-americana, Virginia Ungar, apenas recentemente. Como você pensa essas relações com o feminino, com a mulher?

Ana Rita: Primeiramente, vamos agradecer ao Freud – além de todas as mulheres pioneiras na psicanálise. Freud deve ter tido uma boa relação com a mãe dele para ter desenvolvido esse interesse e poder ir ao encontro desse “mistério”, como disse

15. Publicado no Brasil pela editora Zahar em 2008.

Meltzer – porque era tudo um grande mistério: o feminino, a sexualidade feminina, até porque os órgãos genitais ficam escondidos, e tudo isso que Freud abordou em “O que querem as mulheres”. Nós somos muito fortes e não nos damos conta da potência que temos, mas é por essa força que talvez sempre se tenha sentido que a mulher precisa ser tão combatida. Por exemplo, o número de mulheres mantenedoras da família, que sustentam a casa e cuidam dos filhos, aumenta a cada dia. As mulheres representam uma força vital imensurável. E os salários e as promoções para cargos importantes sempre são muitíssimo reduzidos em comparação com os homens.

Estive pensando recentemente sobre o que é o feminismo atualmente. Não sei bem do que se trata, porque obviamente não tem mais nada a ver com o que foi no final dos anos 1950 e começo dos 60. Mas no dia a dia nos deparamos com tudo isso que a Ana Cláudia levantou sobre a discriminação da mulher, sempre inferiorizada, objetificada e sexualizada, como aquela deputada que foi assediada – todos viram o que aconteceu, e o juiz ainda assim deu parecer favorável para o deputado que a assediou.^[16] É misoginia, e quando a misoginia corrente vai ao encontro de partidos políticos de extrema direita e religiões fundamentalistas, fica ainda pior o sofrimento da mulher. Ela não tem mais o que fazer a não ser se render a essa situação de sobrevivência.

A meu ver isso é uma coisa que está muito ligada ao *ser*: quando é que a mulher pode existir? Mas é preciso dizer que as próprias mulheres têm medo de entrar em contato com isso. Já atendi inúmeros casos assim. Na medida em que a análise avançava e as analisandas viam que estavam completamente adaptadas a um marido tirano disfarçado de bonzinho – algo muito perverso –, quando elas começavam a existir, a ver que pensavam, elas adoeciam, não podiam continuar a análise, alguma coisa acontecia e interrompia o processo. O medo da pessoa está na encruzilhada entre escolher a si própria ou ao casamento, e fica-se com o casamento porque ela não está forte o bastante para se sustentar sozinha, então opta por viver uma relação perversa. E isso também pode acontecer no trabalho, na universidade, onde quer que seja!

Ana Cláudia (SBPRP): Há uma naturalização desse papel da mulher. Muito se discute sobre mulheres em situação de vulnerabilidade social, que não teriam condições de se sustentar financeiramente – o que é uma ilusão, porque as mulheres se sustentam, sustentam famílias, mas fica uma justificativa para mulheres que estão em vulnerabilidade social e não teriam condições materiais de se sustentar. Porém, nós vemos na clínica que mesmo mulheres que poderiam se sustentar economicamente não se sustentam *emocionalmente*, como você disse, para uma transformação desse porte. É uma luta ainda.

Ana Rita: É uma luta muito grande. Acho uma pena quando mulheres com tantas competências, tantas qualidades que poderiam se desenvolver, preferem ficar nesse

16. Caso envolvendo os deputados Isa Penna e Fernando Cury. Mais informações podem ser encontradas em <https://bit.ly/428MS07>

lugar de infantilização, no qual muitas vezes elas próprias se colocam – parece um Édipo que não pode ser resolvido nunca. Tem que ficar com aquela relação com o pai, tem que ficar se infantilizando, se castrando continuamente, castrando a própria competência, a própria capacidade. Olha quanto trabalho temos pela frente com isso, e não sei até onde podemos ir, porque esse é um campo minado. Na clínica o que eu observo é que, sempre que chega aí, tem algo de edípico mesmo. É uma encruzilhada: ou a mulher olha para si, para a própria existência, ou ela interrompe o processo e continua sendo “a mulher do Fulano de Tal”, porque não pode abrir mão desse papel social.

Ana Cláudia (SBPRP): A encruzilhada edípica que sempre se apresenta a nós, na vida e na clínica.

Ana Rita: Acho que temos de elaborar esse Édipo – que inclusive está ligado ao luto – até a hora em que estivermos morrendo, para poder viver essa grande frustração que é deixar de viver. É uma grande pena que morramos, porque acho a vida tão maravilhosa. Imagina, deixar de ver tudo que há aqui, não estar mais com as pessoas...

Ana Cláudia (SBPRP): Me parece que há uma geração mais jovem, adolescente, de mulheres que têm um pensar diferente. Você vê isso na clínica? Meninas adolescentes com um olhar diferente, até em relação aos homens, ao namoro, às vezes caindo para uma orientação sexual diferente. Eu me surpreendo, no sentido de que é diferente do que já foi, e aprendo muito com as adolescentes, com esse novo olhar que elas têm, que me parece ser um outro ponto de vista.

Ana Rita: A Maria Rita Kehl escreveu um texto,^[17] já faz uns bons anos, em que ela falava sobre o feminismo e dizia que os homens estavam muito assustados com as mulheres, porque essas mulheres que se assumem e são competentes e autônomas os deixaram sem lugar, e eles ficam perdidos. Isso é uma coisa que observamos, de fato. Por outro lado, tem várias outras coisas que observo que até me preocupam. Não sei muito de adolescentes, porque não atendo essa faixa, mas às vezes observo em algumas jovens mulheres uma postura, uma busca tão grande de ser igual ao homem, que negam alguma coisa que é própria da mulher – afinal, há coisas que são próprias da mulher e coisas que são próprias do homem, algo bom, positivo, mas que se acaba negando. Essa diferença é suprimida, e me pergunto por que é preciso suprimir, tolher, cancelar a diferença.

Ana Cláudia (SBPRP): É um movimento quase compensatório, não é? Suprimir as diferenças é mais uma forma de não lidar com elas, de não reconhecer a natureza de cada um. A mulher não tem que tentar se igualar ao homem, seria apenas um

17. “A mínima diferença”, publicado em 2015 no *Blog da Boitempo*. Disponível em <https://bit.ly/3vHLcPg>

grande equívoco. É preciso encontrar a própria potência, a potência própria à feminilidade e, na verdade, a potência do humano em cada um. Na V Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto, tivemos uma mesa com a escritora e multiartista Jacira Roque de Oliveira, na qual ela falou algo também sobre isso, afirmando que não era feminista, mas, sim, “mulherista”, buscando marcar essa diferença que queremos alcançar aqui sobre as várias formas como as mulheres enfrentam essa luta.

Ana Rita: No final dos anos 1950 e começo dos 60, isso teve uma função social importantíssima, mas hoje isso muda. Vivemos um momento em que muito mudou. Pessoas homossexuais, por exemplo, vivem uma vida amorosa com um parceiro do mesmo sexo com tranquilidade. Ainda há conflito, é claro, mas nada se compara ao que já foi um dia, a pessoa não é mais vista como doente ou criminosa – pelo menos nos grandes centros. E vejo nesse tipo de mudança, de transição, algo do que estamos falando: a mulher também mal sabe como operar nas lógicas novas que se apresentam. A meu ver estamos em uma conjuntura em que nós, seres humanos, estamos todos confusos, mas acho bom que fiquemos um pouco nessa confusão, sem nos agarrarmos em certezas, porque se nos agarrássemos acabaríamos perdendo a chance de nos abrir para o novo que pode emergir da confusão. A partir do que ainda não sabemos, do que é estranho, podemos constituir novas formas de pensar e de viver. Se não mergulharmos um pouco nessa confusão, na falta de clareza, para nos deixar transformar e então elaborar essas experiências, como viveremos os processos de transformação, de transição?

Acredito que nós que pensamos, pensadores e pensadoras, estamos vivendo um grande momento de reflexão de tudo sem ter muita resposta. É preciso exercitar uma condição de observação do que se passa, com todo o esforço para conter nossa arrogância e narcisismo – porque é nas angústias que nos enchemos de certezas e deixamos de ver as coisas com clareza – e assim ficar o mais livre possível para observar o que está fora, para observar o outro. Ficar nessa condição de observação, que considero permanente, contínua, ficar nesse lugar enquanto trabalhamos o não saber, é uma capacidade negativa ampliada, porque de fato nos angustiamos.

Ana Cláudia (SBPRP): Essa capacidade de tolerar a angústia e o não saber me parece ter a ver com o que estávamos conversando também sobre manter o olhar sob o entrelaçamento da cultura e do social com a especificidade do trabalho analítico. Gostaria de saber o que você pensa sobre esse livre trânsito, de um lado, e a especificidade, de outro. Como a psicanálise contribui com esses elementos que você trouxe sobre a verdade, a capacidade negativa, a capacidade de observação, de acompanhar transformações, mantendo a especificidade do trabalho clínico?

Ana Rita: Acredito que a contribuição está na possibilidade que nós analistas temos de apresentar a pessoa para si mesma, sempre em busca do inconsciente.

Isso só pode ser feito em uma sala de análise, com um método – um *setting*, um rigor psicanalítico, condições específicas para desenvolver a observação, a investigação, o estar juntos. A técnica até vai mudando, mas o método é o método, é a maneira para termos acesso ao mais profundo da pessoa, das emoções que às vezes ela sequer conhece ou não sabe nominar. Apesar de ampliações que possam ocorrer, é muito próprio da psicanálise esse trabalho.

Muitos colegas às vezes não conseguem fazer uma discriminação, como se usar o pensamento psicanalítico para fazer uma leitura social fosse fazer psicanálise em qualquer lugar, em quaisquer condições, e não é isso. Eu mantenho o rigor dentro do meu consultório, mas o conhecimento que tenho como psicanalista me permite também fazer uma leitura dos descabros sociais e políticos que estamos vivendo. O social é inegável – eu não vou me fazer de tonta, fazer de conta que não estou vendo nada. Essa história de neutralidade não existe, e me choco com a preconização que se tinha do dever do analista de ser neutro. Só sei que antigamente os analisandos ficavam se sentindo culpados por tudo, tudo neles era culpa. A meu ver o analista tem uma função social importantíssima.

Ana Cláudia (SBPRP): Nesse sentido, e considerando todo o mal-estar contemporâneo atual, como você vê a possibilidade de os analistas atenderem situações agudas de crise? É algo que tem sido feito por vários projetos, inclusive o SOS Brasil, que começou com a pandemia, mas se expandiu para outras situações – como o acidente da barragem em Minas Gerais. É um atendimento bem diferente, pontual, com poucas sessões, mas agudo, numa situação de crise. Como você vê essa possibilidade?

Ana Rita: Eu acho maravilhoso que possamos usar todas as ferramentas que temos na “caixinha” sabendo discernir a hora de usar cada parte do instrumental, como um médico o faz ao realizar um procedimento. Recentemente estive na cabeleireira, e a moça que estava cuidando de mim teve uma crise de ansiedade e começou a passar mal. Entrei junto com ela numa salinha onde ficavam todos os produtos do salão e ficamos conversando por mais de uma hora até ela sair daquela crise – e ela saiu. Esse é um momento agudo, e eu não vou me furtar de conversar com a pessoa para ajudá-la a entender por que ela está assim naquele momento. É algo que temos condição de fazer. Mas claro que isso é diferente de um processo analítico, são coisas muito distintas, e precisamos ter clareza disso para poder atuar em diversas frentes. Essa é uma clareza que vem de dentro do analista.

Ana Cláudia (SBPRP): Quando você falou do rigor técnico e ético, até da possibilidade de atender em um salão de beleza, me ocorreu justamente que o *setting* nessa hora está na cabeça do analista. Ele nasce da cabeça do analista e encontra um local externo, não é o local externo que traz o *setting* para o analista.

Ana Rita: Não, e é por isso que passamos por uma *formação*, é nesse processo que essas noções são construídas. Na formação o futuro analista vai compreendendo o que é a psicanálise, o que é o método, o que é o *setting*, e aprende a fazer essas discriminações que fazemos agora. O *setting* é a cabeça do analista, algo que vamos construindo também na nossa experiência de análise pessoal. É óbvio que depois disso é ampliado, modificado, mas a pedra fundamental do *setting* é a análise pessoal, assim como as primeiras relações. A partir disso, podemos atender num momento de crise em qualquer lugar, sem problemas.

Já na pandemia houve toda uma especificidade. Todos temos muitas histórias para contar sobre as mais distintas situações vividas e vistas em vídeo. É como se tivéssemos feito um desvio do processo da análise, que normalmente aconteceria no consultório, para acudir a pessoa na própria casa, por vezes devido a ocasiões inesperadas.

Ana Cláudia (SBPRP): Pensando também em todas as transformações por que nós analistas e a psicanálise passamos devido ao atendimento on-line e expandindo para outros aspectos da humanidade que estão se desenvolvendo, como as tecnologias em geral, a inteligência artificial, as manipulações biológicas e genéticas – inclusive os membros artificiais usados como prótese e uma série de pesquisas nessa linha... Parece que a fronteira entre o humano e o artificial está ficando turva – “Quem foi que escreveu isso, um ser humano ou o ChatGPT?”. Como você vê esse momento de transição, de passagem, no qual a tecnologia vem se desenvolvendo sem que nós tenhamos formação para lidar com isso ainda? Qual o seu sonho para o futuro da humanidade com todos esses recursos tecnológicos?

Ana Rita: O sonho de que o humano possa se humanizar apesar disso tudo. Mas não consigo imaginar esse futuro muito bem, talvez porque eu fique muito angustiada. Aliás, minha angústia na mencionada Bienal de Veneza se deu justamente porque a exposição tinha muito a ver com o ciborgue, com esse homem que é uma metamorfose, que é adaptado, metade homem metade máquina. Isso pega em angústias muito primitivas em nós, e não sei o que vai acontecer. Uma coisa que acredito ser nossa, que nada, nada, nada vai substituir, é a essência humana na emoção, no olhar materno que estrutura o bebê, no escorrer de uma lágrima, na emotividade diante de uma música. Isso é nosso.

Isso me faz pensar no filme *A.I.: inteligência artificial*, do Steven Spielberg,^[18] que mexeu muito comigo na época do lançamento. Ele consegue transmitir para nós a emoção daquele menino abandonado. Mas pensando de uma maneira menos como a do filme e mais da realidade, há um ensaio que me angustiou demais, o “Manifesto ciborgue”, da Donna Haraway.^[19] Comecei na manhã de um sábado, terminei à tarde

18. *A.I. Artificial intelligence*, de 2001.

19. Publicado no livro *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, organizado por Tomaz Tadeu, com textos de Donna Haraway e Hari Kunzru, publicado pela editora Autêntica em 2013.

no mesmo dia e não consegui fazer mais nada, de tanto que mexeu comigo.

Ana Cláudia (SBPRP): Esse ensaio eu não li, mas me lembrei de Yuval Harari, que escreveu sobre o *Homo sapiens* e o *Homo Deus*.^[20] A ideia de *Homo Deus* está ligada a tudo isso com que o ser humano tem contribuído para construir a próxima espécie, que nasce da interação entre tecnologia, alterações biológicas e afins. O autor afirma que é como se nós estivéssemos cunhando um novo ser, mas nos chama para uma responsabilidade diante disso, algo que achei muito interessante: tudo de que o planeta não precisa são deuses loucos que não sabem o que querem. Essa é a chamada para a responsabilidade ética sobre o que estamos fazendo. Quando você falou do olhar estruturante da mãe, me remeteu a isso, à importância de não perder esse eixo.

Ana Rita: A condição humana e de humanização.

Ana Cláudia (SBPRP): E a questão ética de sustentarmos isso em qualquer situação: foi possível atender on-line, desde que não perdêssemos o eixo estruturante.

Ana Rita: Se abrirmos mão desse eixo, não ficamos bem. O eixo estruturante, como o nome sugere, não serve só para a manutenção do *setting*, mas para algo mais primitivo ainda: a manutenção do nosso próprio equilíbrio psíquico, do nosso bem-estar psíquico. É uma questão ética com nós mesmos em primeiro lugar – eu sou ética porque me faz bem, e quando percebo que eu não sou, não me faz bem, não gosto de ser assim, não gosto de fazer uma coisa que eu não aprovo. É importante entendermos que chamamos esse eixo de “estruturante” justamente porque faz parte do nosso funcionamento psíquico.

Ana Cláudia (SBPRP): Provavelmente o eixo que mantém a *humanidade possível*, individual e coletiva. Para finalizarmos, me diga uma coisa: faz de conta que você vai escrever um bilhete e colocar em uma garrafinha para lançar ao mar, para que um dia um jovem analista, ou analista em formação, o leia. O que você escreveria?

Ana Rita: “Não se preocupe em ser analista, seja você mesmo.”

Ana Cláudia (SBPRP): Foi uma conversa emocionante. Agradeço oficialmente em nome da revista, da Sociedade e de todo o conselho editorial pela sua contribuição, sua participação e sua presença viva. Em nome de todos, muito obrigada!

20. Referência aos livros *Sapiens: uma breve história da humanidade* e *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, ambos publicados pela Companhia das Letras em 2020 e 2016, respectivamente.